

Piracicaba, 19 de março de 2003

Análise das importações de borracha indica setores passíveis de investimentos

Augusto Hauber Gameiro¹

A análise das importações brasileiras desagregadas por grupos de borracha, entre 1992 e 2002, mostra que a demanda esteve crescente para as borrachas granuladas e látex. Essas representaram, respectivamente, 57% e 14% do total importado pelo Brasil no período. A demanda por folha fumada – que correspondeu a 28% das importações - também foi significativa, embora não tenha sido ascendente no período. Essas informações podem colaborar para o direcionamento de novos investimentos no país, sendo um indicativo dos setores produtivos passíveis de receberem especial atenção do setor público e privado.

Entre 1992 e 2002, o Brasil despendeu de US\$ 1,082 bilhões com importações de borracha natural nas suas diversas formas. Com um gasto anual médio de US\$ 98 milhões, importou-se 1,215 milhões de toneladas do elastômero. No mesmo período, a produção brasileira de borracha natural totalizou 693,5 mil toneladas, correspondendo, em média, a 36% do total consumido pelo país. Ressalta-se que essa participação da borracha natural foi crescente no período, tendo atingido mais de 45% em alguns anos.

A maior participação da borracha natural produzida internamente em relação ao consumo total do país indica um aumento da competitividade do produto nacional. O melhor desempenho da produção brasileira explica-se, basicamente, por dois motivos: a criação, em 1997, de uma política de incentivo ao desenvolvimento da atividade e também a reversão dos preços internacionais, que voltaram a crescer nos últimos anos.

Apesar dos avanços da produção nacional de borracha natural, o país ainda depende significativamente das importações – uma forma de ajustar a demanda à quantidade de produto disponível internamente.

¹ Pesquisador do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea), Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz” (Esalq), Universidade de São Paulo (USP). E-mail: ahgameir@esalq.usp.br e ahgameir@terra.com.br. O artigo completo pode ser obtido no site do Cepea: www.cepea.esalq.usp.br em “Indicadores de Preço” – “Borracha”.

Piracicaba, 19 de março de 2003

As importações

As borrachas com maior participação nas importações brasileiras, como já citado, são as granuladas ou prensadas, utilizadas principalmente para a fabricação de pneus. Aliás, a indústria pneumática é a maior consumidora de borracha natural em grande parte dos países.

Quando analisadas ao longo do tempo, percebe-se uma evolução relativamente distinta entre os seis tipos de borrachas naturais importadas (granulada ou prensada, látex, folha fumada, folha crepada, tecnicamente especificada e outras formas). As borrachas nas chamadas “outras formas” passaram de uma quantidade importada de 118 toneladas, em 1992, para 2.849 toneladas em 2002, com um aumento significativo de 2.320%. Apesar disso, quando se compara com o todo, a participação das importações das borrachas nas “outras formas” equivale a apenas 1,1%. As importações de borrachas tecnicamente especificadas são ainda menos significativas, passando de 43 toneladas em 1992 para 187 toneladas em 2002, com um aumento de 333% e uma participação de 0,1%.

Já a borracha na forma de látex apresenta-se com uma importância mais expressiva no mercado, respondendo por quase 14% das importações brasileiras de borracha no período. Em 1992 foram importadas cerca de 7 mil toneladas, enquanto em 2002 as importações foram de aproximadamente 22 mil toneladas, um aumento de 214%. Observa-se que a demanda pelo produto aumentou significativamente nesses dez anos, indicando haver uma potencialidade na produção interna desse produto.

O quarto grupo de borrachas que teve sua quantidade de importação incrementada foi o das borrachas granuladas, que em 1992 totalizaram 44 mil toneladas e, em 2002, atingiram pouco menos de 91 mil toneladas, com uma variação de 104%. As granuladas correspondem à maior fatia das importações nacionais de borracha: 57%.

O único grupo de borrachas que teve suas importações reduzidas foi o das crepadas, que representam apenas 0,3% do total. Em 1992 a quantidade importada foi de 563 toneladas, chegando a apenas 181 toneladas em 2002 (-68%). Trata-se de um mercado bastante restrito.

Piracicaba, 19 de março de 2003

A borracha tipo folha fumada é a segunda em importância no consumo total de borracha natural, mas sua quantidade importada não apresentou aumento significativo quando se analisam os dados acumulados. Em 1992, 36 mil toneladas foram importadas, chegando em 2002 com quase 38 mil toneladas, uma pequena elevação de 4%. A quantidade máxima importada ocorreu em 1995, com quase 42 mil toneladas. Em 1997, porém, essa quantidade foi de apenas 17 mil toneladas. Na média, a folha fumada respondeu por 28% das importações brasileiras de borrachas.

Nos últimos dez anos, foram despendidos US\$ 1,082 bilhões com as importações brasileiras de borracha, com uma média anual de US\$ 98 milhões. Além da quantidade importada, os preços dos produtos também influenciam esses gastos. Entre 1995 e 1996, por exemplo, os preços internacionais da borracha estavam bastante elevados, sendo que a borracha granulada atingiu US\$ 1.300/t. Já em 1999 e 2000, as cotações externas caíram vertiginosamente e a granulada chegou a US\$ 500/t. Depois disso, os preços internacionais voltaram a se recuperar e atualmente se encontram na faixa de US\$ 900/t.

Com exceção dos anos de 1995 e 1996, houve certa estabilidade no dispêndio anual, mesmo com o crescimento do volume importado. A queda nos preços internacionais, portanto, contribuiu para que os gastos com as compras internacionais não subissem na mesma proporção.

Em 1995 foram gastos US\$ 180 milhões com importações de borracha natural, o montante mais elevado dos dez anos analisados. Em 1996, esse dispêndio atingiu US\$ 139 milhões. Nos demais anos, os gastos ficaram abaixo de US\$ 100 milhões, chegando ao patamar mais baixo em 1999: aproximadamente US\$ 64 milhões. Somente em 2002, a quantia gasta voltou a ultrapassar os US\$ 100 milhões, totalizando US\$ 104 milhões.

A produção e o consumo internos

A produção brasileira de borracha natural apresentou crescimento contínuo no período - ainda que a taxas variáveis -, tendo passado de pouco mais de 30 mil toneladas em 1992 para mais de 95 mil toneladas em 2002, um incremento acumulado de 212%. Apenas no ano de 1995 ocorreu uma pequena

Piracicaba, 19 de março de 2003

redução de 1%. O aumento na produção foi devido aos investimentos realizados nos seringais na década de 80 e início dos anos 90, uma vez que a seringueira começa a produzir com sete anos. Além disso, a partir de 1997, o setor passou a ser regulamentado por uma nova legislação que criou um subsídio direto à produção, em detrimento da então vigente política de “contingenciamento das importações”. Nos últimos anos, a recuperação dos preços internacionais também favoreceu o mercado doméstico de borracha.

Enquanto a produção brasileira cresceu continuamente, as importações oscilaram (subindo e caindo) de ano para ano. Esse comportamento é um indício de que a produção nacional de borracha natural encontra seu mercado cativo, mesmo porque a demanda é muito maior que sua oferta. Os anos de 1994, 1996, 1997 e 2001 registraram redução no consumo (calculado pela soma dos volumes de importação e produção), sem a contraposição na queda da produção interna.

Com isso, a participação da produção no consumo nacional cresceu, passando de 26% em 1992 para 38% em 2002. Outra maneira de se constatar o potencial produtivo da borracha no Brasil é comparando a média da variação anual das importações e da produção. Enquanto as primeiras variaram 10% ao ano, em média, a segunda evoluiu a 13% ao ano.

A tabela a seguir resume o comportamento das importações, da produção e do consumo de borracha no Brasil, nos últimos dez anos.

Piracicaba, 19 de março de 2003

Tabela 1. Importação, produção e consumo de borracha natural no Brasil, 1992 a 2002.

Ano	Importação (tonelada)	Variação (%)	Produção (tonelada)	Variação (%)	Consumo (tonelada)	Variação (%)	Produção/consumo (%)
1992	88.432		30.712		119.144		26
1993	105.011	19	40.663	32	145.674	22	28
1994	87.671	-17	44.617	10	132.288	-9	34
1995	110.458	26	44.297	-1	154.755	17	29
1996	92.987	-16	53.438	21	146.425	-5	36
1997	67.076	-28	58.400	9	125.476	-14	47
1998	120.692	80	63.000	8	183.692	46	34
1999	105.493	-13	86.546	37	192.039	5	45
2000	147.115	39	87.849	2	234.964	22	37
2001	136.465	-7	88.108	0	224.573	-4	39
2002	153.459	12	95.940	9	249.399	11	38
Total	1.214.860		693.570		1.908.430		
Média	110.442	10	63.052	13	173.494	9	36

Fontes: Importação - Secex; Produção - Ibama até 1996, estimativa do mercado em 1997 e Conab a partir de 1998. Elaboração do autor.

Conclusões

A análise mostra que há um significativo déficit na produção de borracha natural no Brasil. Conseqüentemente, investimentos em produção poderiam ir ao encontro do suprimento dessa necessidade.

A dificuldade de competição com os principais produtores da Ásia (Tailândia, Indonésia, Malásia, etc) é a principal explicação para esse cenário deficitário: tais países investiram fortemente na produção de borracha desde a introdução da seringueira em seus territórios, pelos ingleses, no final do século XIV. Com isso, produzem grandes volumes a preços competitivos, uma vez que o principal custo da produção de borracha natural, a mão-de-obra, é relativamente menor nesses países.

O Brasil, por sua vez, viu uma das suas principais culturas sucumbir diante dos novos concorrentes asiáticos – e a justificativa é simples. Enquanto, na Ásia, a seringueira sempre foi cultivada, ou seja, produzida intensivamente como uma cultura perene comercial (como o café ou a laranja), no Brasil, até o final do século XX, insistia-se em incentivar a exploração extrativa da borracha natural na Amazônia. Era uma disputa completamente desfavorável.

Piracicaba, 19 de março de 2003

Foi apenas na década de 70, no estado de São Paulo, e nos anos 80, em âmbito nacional, que a verdadeira heveicultura (o cultivo da seringueira), especialmente em regiões não-amazônicas (São Paulo, Goiás, Mato Grosso, Espírito Santo), passou a receber maior atenção e, conseqüentemente, apoio público.

Na década de 90 o governo federal, por meio de uma política de subvenção, forneceu o fôlego que faltava à heveicultura brasileira. Além disso, os esforços da pesquisa e dos próprios agricultores, sobretudo os paulistas, foram capazes de estabelecer um cultivo moderno e competitivo.

Muitos países da Ásia, por sua vez, já começam a apresentar sinais de esgotamento na produção da seringueira, tanto pela restrição da área cultivável quanto pelo seu processo de industrialização, que encarece a mão-de-obra rural.

Atualmente, os preços internacionais, ao redor de US\$ 900/tonelada, têm possibilitado um retorno razoável para a produção brasileira. Somando-se à desvalorização cambial, que desfavorece as importações, a indústria consumidora no país apresenta grande disposição para consumir a borracha nacional. Portanto, há um evidente potencial para investimentos internos.

Além de contribuir para um melhor resultado na balança comercial, evitando importações na ordem de quase US\$ 100 milhões por ano, a produção de borracha é uma importante geradora de emprego. Um trabalhador ocupa-se de quatro hectares de seringal; considerando-se uma produtividade de uma tonelada de borracha por hectare, esse trabalhador geraria quatro toneladas por ano. Como atualmente o déficit anual brasileiro está em torno de 150 mil toneladas, a produção internalizada seria capaz de gerar quase 38 mil empregos diretos no campo, sem contar o beneficiamento da borracha nas usinas. Segundo dados do último senso do IBGE, cada família brasileira tem, em média, 3,3 pessoas, de modo que os empregos gerados poderiam contribuir para a manutenção de mais 124 mil pessoas no campo.

Mais informações podem ser conseguidas com o pesquisador Augusto Hauber Gameiro ou com a Assessoria de Comunicação do Cepea, pelos telefones (19) 3429-8836 / 8837.